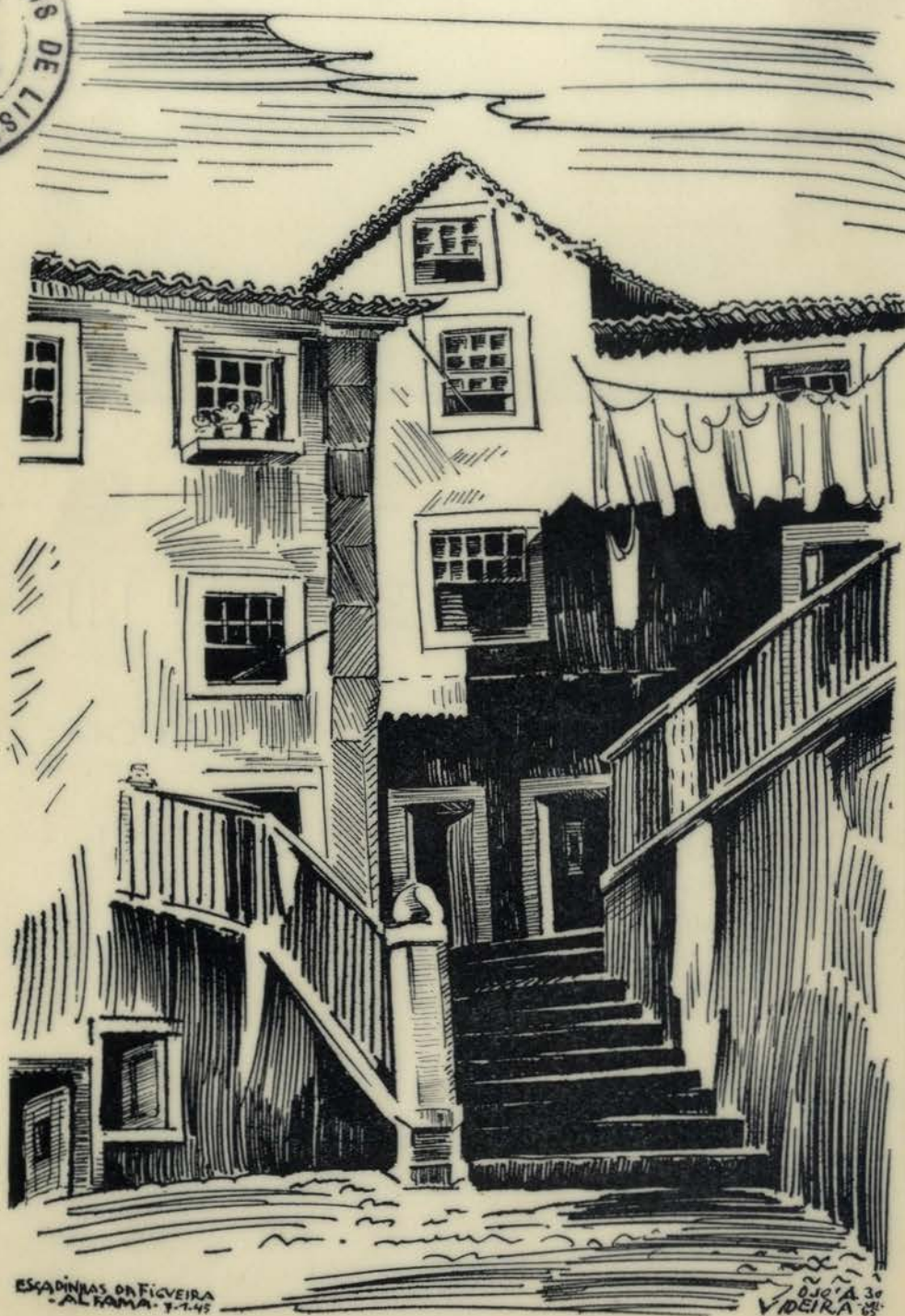


# Olisipo - Boletim do

Grupo AMIGOS DE LISBOA

ANO XXVIII—Julho de 1965—N.º III



ESCADINHAS DA FIGUEIRA  
-ALFAMA- 7-1-45

050'A 30  
VIDEIRA 65





*for souvenirs*

*Vista  
Alegre  
Porcelanas*

LARGO DO CHIADO, 18 • LISBOA

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM*

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Na  
**LIVRARIA PORTUGAL**

... encontra V. Ex.<sup>a</sup> livros sobre  
todos os assuntos escritos nas  
principais línguas europeias

Damos informações biblio-  
gráficas e aceitamos enco-  
nendas para todos os países

**LIVRARIA PORTUGAL**

Rua do Carmo, 70 - 74 • Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20  
Secção de revenda e armazéns Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23 LISBOA - 2

**E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

LISBOA

TRANSPORTES  
MARÍTIMOS  
E AÉREOS

AGENCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS  
REPRESENTAÇÕES  
(Industriais, etc.)  
FOLHA DE FLANDRES  
E AÇÓIS  
EXPORTAÇÕES  
IMPORTAÇÕES

No Porto:

**Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

A

**LEGAL & GENERAL**

*agradece aos*

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm  
dado para os seus  
contratos de seguros*

Capital e Reservas

**550 MILHÕES DE LIBRAS**

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.<sup>o</sup> — LISBOA

**COMPRAMOS**

**LIVROS DE BONS AUTORES**

Grandes e pequenas quantidades

**LIVRARIA «ECLÉTICA»**

Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 86 63 • LISBOA



**viaje pela**



**STAR**

**TURISMO  
VIAGENS**

**seguro na**



Os nossos antepassados, quando viajavam, faziam-no com a segurança, rapidez e conforto que os meios de então lhe permitiam... As exigências da vida moderna tudo transformaram. Para um eficiente apoio ao apressado viajante dos nossos dias a STAR oferece, através de uma rede mundial de correspondentes, a experiência de todos os seus serviços, e a ATLAS, Companhia de Seguros — a cómoda tranquilidade de um seguro de viagens.

Oferta

M.

27. JUL. 1988

# OLISIPO

## BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVIII

JULHO DE 1965

NÚMERO 111

Director, o Presidente da Junta Directiva  
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 14

### SUMÁRIO



	Pág.
SESSÃO SOLENE PARA A INAUGURAÇÃO DE UM QUADRO A ÓLEO HOMENAGEANDO TRÊS VULTOS NOTÁVEIS DA OLISIPOGRAFIA: JÚLIO DE CASTILHO, VIEIRA DA SILVA E MATOS SEQUEIRA	137
JÚLIO DE CASTILHO por <i>Júlio Eduardo dos Santos</i> ... ..	141
ENGENHEIRO AUGUSTO VIEIRA DA SILVA pelo <i>Doutor Eduardo Neves</i> ... ..	153
MATOS SEQUEIRA por <i>Hugo Raposo</i> ... ..	160
O MOSTEIRO DE MARVILA pelo <i>Brigadeiro Dr. Meyrelles do Souto</i> ... ..	167
O MOSTEIRO DE MARVILA (Rectificação) por <i>Ralph Delgado</i> ... ..	169
ACTIVIDADE CULTURAL DO SEGUNDO TRIMESTRE DE 1965... ..	170
SÓCIOS ADMITIDOS ... ..	173
FEIRA DA LADRA ... ..	174
CAPA: Escadinhas da Figueira - Desenho de <i>J. A. Videira</i>	
VINHETAS de <i>J. A. Videira e Figueiredo Sobral</i>	

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*

# OLISTO

HOLY TRINITY

AND JOHN  
 THE  
 THE  
 THE  
 THE

## SUAVARIO

THE  
 THE  
 THE



### viaje a

THE  
 THE  
 THE

### seguro

THE  
 THE  
 THE

THE  
 THE  
 THE

THE  
 THE  
 THE

## SESSÃO SOLENE

para a inauguração de um quadro a óleo homenageando três vultos notáveis da Olisipografia

JÚLIO DE CASTILHO

VIEIRA DA SILVA

e

MATOS SEQUEIRA

.

COMO se refere na actividade cultural, em 15 de Maio deste ano pelas 17 horas, realizou-se na nossa sede uma sessão solene largamente concorrida, para se proceder à inauguração de um quadro a óleo, oferta do nosso Director-Tesoureiro e representando os nossos vultos maiores da olisipografia, Visconde de Castilho (Júlio), Eng. Augusto Vieira da Silva e o Académico e Jornalista Gustavo de Matos Sequeira.

A obra de cada um dos homenageados foi focada pelos Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Doutor Eduardo Neves e Hugo Raposo, todos membros da nossa Junta Directiva. Os respectivos discursos são publicados neste número de OLISIPO.

Na nossa sala, completamente cheia, viam-se os representantes do Colégio Militar e da Associação dos Antigos Alunos, respectivamente os Srs. Generais Carlos de Campos Andrada e Venâncio Deslandes, acompanhados de dois alunos do Colégio, um dos quais tem hoje o mesmo número de Matos Sequeira, quando foi também aluno do Colégio.

A sessão, que foi presidida pelo representante da Sua Exce-  
lência o Ministro da Educação Nacional, seu Chefe de Gabinete Dr. Fernando Galvão Teles, secretariado pelos nossos Presidentes da Assembleia Geral e da Junta Directiva, os Professores Dou-

res Raul de Carvalho e Fernando de Freitas Simões, teve a assistência do escritor e jornalista Sr. Zuzarte de Mendonça (Pai), que muito privou com Júlio de Castilho, e de numerosos representantes da família dos homenageados, entre os quais o Eng. Afonso de Castilho, D. Maria G. C. Pacheco de Novais e Castilho, D. Maria Justina de Mello Achemann, D. Maria Teresa de Mello Quintela Saldanha, D. Maria Amélia Barros de Mello, Henrique Vieira da Silva, D. Maria Adelaide Matos Sequeira Oliveira Guimarães, D. Maria Carolina de Matos Sequeira Duque, José de Matos Sequeira, D. Maria Constança de Matos Sequeira, Gustavo de Matos Sequeira e Dr. Luís de Oliveira Guimarães.



*A mesa da presidência, vendo-se o quadro oferecido  
e o primeiro dos oradores*

Sua Excelência o Senhor Presidente da República — nosso sócio honorário — não podendo aceder ao convite para presidir a esta sessão, por intermédio do Sr. Secretário-Geral da Presidência da



República, Sr. Dr. Luís d'Orey Pereira Coutinho, enviou-nos um ofício de que transcrevemos o seguinte período:

Sua Excelência o Senhor Presidente da República muito lamenta não poder aceitar o amável convite de V. Ex.<sup>as</sup> para a cerimónia do próximo dia 15, por motivo de compromissos inadiáveis já assumidos para a mesma data, mas não deixará de acompanhar V. Ex.<sup>as</sup> em espírito na justíssima homenagem a prestar a tão ilustres vultos da olisipografia.

No final da sessão usaram da palavra o escritor Zuzarte de Mendonça, recordando passos da sua intimidade com o Visconde de Castilho, e o Dr. Luís de Oliveira Guimarães, que agradeceu em nome das famílias dos homenageados.

Dos convidados enviaram cartões: a Academia Portuguesa da História, Ordem dos Engenheiros, Junta Distrital de Lisboa, Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, Dr. Augusto de Castro, director do *Diário de Notícias* — nosso sócio honorário —, Dr. Ivo Cruz, Eng. Carlos Couvreur, Rádio Universidade, Visconde de Riba Tâmega, etc. O nosso consócio Sr. Aníbal David, ilustre Vice-Presidente da Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Lisboa, telefonou justificando a sua ausência, por ter saído de Lisboa.

Foi uma tarde de grande significado olisiponense e de justa homenagem aos três vultos que tanto pertenceram à vida do nosso Grupo.



*Júlio de Castilho*

# JÚLIO DE CASTILHO

por JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS

Senhor Presidente, ilustre Representante de Sua Excelência o  
Ministro da Educação Nacional

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Por distinção altíssima e imerecida recebi o encargo de, nesta solenidade evocativa de três grandes Mestres olisipógrafos, proferir algumas palavras acerca de Júlio de Castilho, figura cimeira entre os investigadores da história da nossa bem-amada cidade. A extensão e variedade da sua obra e os tocantes aspectos da sua vida não permitiriam architectar rápida síntese — como a índole desta consagração impõe —, que não oferecesse perigo de apoucar tão rica personalidade, quer como intelectual quer como homem. Optei, por isso, por referência a uma só das suas obras fundamentais, fazendo-o — desde já esclareço o objectivo — no intuito de expor a premente indispensabilidade de se efectivar um dos mais insistentes desejos, que o poeta das *Manuelinas* não conseguiu ver realizado. Tal orientação permitir-me-á ainda exaltar uma das facetas mais sublimes do seu diamantino coração: o profundo amor que consagrou a seu venerando pai.

★

Ao traçar, na Academia das Ciências de Lisboa, o elogio do segundo Visconde de Castilho, disse Fernandes Costa que o escritor, como muitos outros artistas da sua plana, decerto continuaria na morte a ser estimado pelo mesmo reduzido número de apreciadores que o consideravam em vida, e as suas obras consultadas, de quando em quando, por curiosos e eruditos, até que um dia, de futuro incerto, algum crítico desinteressado e amante da justiça viesse revelar aos seus contemporâneos a existência, em tempos anteriores, de uma

subida glória literária nacional, que passou quase despercebida daqueles que junto dela viveram.

Vaticínio pessimista, felizmente errado! O nome de Júlio de Castilho e a sua obra — a de temas olisiponenses, note-se — são hoje mais conhecidos que à data do seu falecimento. Devido à acção de dedicadíssimos amigos e de apaixonados por estudos desta índole, traduzida em iniciativas de grande valor e significado, foi-se ampliando aquele reduzido círculo de admiradores. A publicação de um valioso *In Memoriam*, por iniciativa do seu grande amigo Dr. Miguel Trancoso, as homenagens tributadas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, em que sobressaiu o elogio proferido por Matos Sequeira, magnífica página superior ao sobredito panegírico feito na Academia das Ciências, e sobretudo a inauguração do busto do grande Mestre no miradouro de Santa Luzia foram actos relevantes entre outras manifestações de saudade e admiração, que prepararam a maior de todas as homenagens: a reimpressão integral pela Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Lisboa, meticolosamente feita com observância dos elementos que o Autor deixara e de revisão e anotações de outros notáveis investigadores, das suas obras fundamentais, cuja propriedade o Município adquirira — a *Lisboa Antiga (Bairro Alto e Bairros Orientais)* e *A Ribeira de Lisboa*. Estas obras, que se haviam tornado raríssimas, inacessíveis portanto à maioria dos interessados pela história de Lisboa, passaram assim a ser verdadeiramente populares, como o atestam novas reimpressões de vários volumes, que se têm esgotado, e a que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara vai procedendo, sempre no elevado intuito de bem-servir a cidade e a nossa cultura.

Tão benemérito movimento editorial proveio da proposta, de 9 de Novembro de 1933, do então vogal da Comissão Administrativa do Município Sr. Luís Pastor de Macedo, escritor ilustre, notável investigador da história citadina, sócio fundador do Grupo «Amigos de Lisboa» e seu antigo director secretário-geral. O nome deste nosso consócio não podia ser esquecido nesta evocação, tanto pelo decisivo impulso inicial dado à divulgação da monumental obra de Castilho, como pela orientação que imprimiu à revisão de *A Ribeira de Lisboa*, enriquecida por substanciosas e eruditas notas de sua autoria. Depois — não será exagero acentuar —, a expansão dos livros de Júlio de Castilho beneficiou do crescente gosto pelos estudos concernentes ao

passado da capital, despertado pela influência do Grupo «Amigos de Lisboa», durante a sua já longa existência.

Mas a consagração, assim levada a efeito, visou apenas o olisipógrafo. Incompleta, conseqüentemente. É certo que essa actividade foi a mais original de todas em que empregou os vastos recursos da sua inteligência e cultura. Foi aquela em que se mostrou fecundo inovador, pois os estudos desta natureza apenas superficialmente tinham sido abordados antes por vários autores, alguns dos quais de elevado mérito.

Essa a sua grande glória; mas a restante e vastíssima obra do escritor, que tantos géneros literários cultivou, sempre ou quase sempre com brilho, não foi ainda devidamente enaltecida. Poeta — cujas produções o grande Camilo admirava —, historiador, romancista, dramaturgo, genealogista..., Júlio de Castilho, insigne paladino da linguagem, ocupou muito honroso lugar entre os valores mentais da sua época, sem que, não obstante, lhe tivessem sido sempre tributados os louvores devidos ao seu mérito e acção. E, com requintado espírito de esteta, foi ainda primoroso artista. Bem conhecidos sobretudo os seus numerosos desenhos à pena (de maior ambição e valor que os de João de Deus); mas a modelação, aguarela, pintura a óleo, incluindo a modalidade tão difícil do retrato, igualmente o atraíram, o que suscita justificada admiração dado não ter recebido quaisquer ensinamentos técnicos quando jovem, particularidade que com frequência citava, para que o absolvessem das deficiências destes devaneios artísticos. Até à complexa arte da composição se abalançou, tendo musicado poesias de Gonçalves Crespo e Vitor Hugo e talvez de outros autores. Profundo espírito de artista, sempre insatisfeito!

Para estudo completo, exaustivo, da sua personalidade, talvez não tenha chegado ainda a hora própria. Que surpresas nos reservará o conhecimento das suas obras inéditas, os numerosos manuscritos sobre antiguidades de Lisboa e tantos outros elementos que, por sua disposição testamentária, foram entregues ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob condição de não serem examinados até à ocorrência do cinquentenário da sua morte?

Há, todavia, um empreendimento que desde já deve ser tentado, por visar a satisfação de um dos mais veementes desejos de Júlio de

Castilho, e contribuir além disso para o enriquecimento do nosso património cultural: impõe-se que seja completada a edição da sua grandiosa obra *Memórias de Castilho* (seu pai). É deste assunto que pretendo ocupar-me.

Ao lado da *Lisboa Antiga* surge em posição de grande relevo a vasta colecção dessas *Memórias*, repositório não só de informes concernentes ao célebre poeta de *A Noite do Castelo*, mas documento de alta valia para estudo do extenso e agitado ambiente político, social e literário em que decorreu a sua existência (1800 a 1875). Sobre a sua importância não podem surgir dúvidas; impõe-se, todavia, rápida divagação para a situar com rigor no quadro das produções literárias de Júlio de Castilho, que — fixemos desde já — se dizia que *a velha Lisboa era e havia de ser sempre o seu mundo de predilecção*, considerava as *Memórias de Castilho* a sua maior obra, que lhe saíra do coração de filho amantíssimo. Não olvidemos que raros exemplos poderão ser apontados de tão constante e alta veneração pelos progenitores como a de Júlio de Castilho, afeição definida, em frase lapidar, pelo Conde de Sabugosa: *uma piedade filial sem precedentes na História!*

A sua estreia literária deu-se, em 1854, com a poesia *Leitura Repentina*, por ele próprio recitada na inauguração da escola pelo Método Português, no Regimento de Lanceiros. Assim, aos catorze anos inicia a actividade de escritor por uma homenagem ao pai. Em 1863, publica extenso *Estudo Genealógico, Biográfico e Literário da Família Castilho*, incluído na reedição de *Camões*, original do primeiro Visconde; e, dois anos depois, surge excepcional oportunidade para Júlio de Castilho patentear de modo notável os seus recursos, exaltando a personalidade do insigne poeta e pedagogo: deu-lha a conhecida *Questão Coimbrã*, formidável debate entre escritores de Lisboa e de Coimbra.

Pinheiro Chagas dedicara o seu *Poema da Mocidade* a António Feliciano de Castilho, e este, em carta dirigida ao respectivo editor, discordara da orientação seguida por jovens literatos, então alunos da Universidade. Antero de Quental, ferido no seu amor-próprio e instigado por Teófilo Braga, ripostou em violento opúsculo, intitulado *Bom-Senso e Bom-Gosto*, designação que daria nome à grande polémica.

O tom da agreste invectiva com que Antero atingia a figura veneranda de Castilho, que ao tempo contava sessenta e cinco anos, pode avaliar-se pela seguinte passagem :

Levanto-me quando os cabelos brancos de V. Ex.<sup>a</sup> passam diante de mim. Mas o travesso cérebro que está debaixo e as garridas e pequeninas coisas que saem dele, confesso não me merecerem nem admiração nem respeito nem ainda estima. A futilidade num velhe desgosta-me tanto como a gravidade numa criança.

Júlio de Castilho surge logo em defesa do pai, num folheto que teve duas edições, intitulado *O Senhor António Feliciano de Castilho e o Senhor Antero de Quental*. Magistral produção, em que esse rapaz de vinte e cinco anos tenta refutar a cerrada argumentação daquele a quem chama «talentoso filho da Academia»! Após notar que a enfermidade, que de tantos anos sequestrara António Feliciano à luz do Sol e o pusera na dependência dos seus íntimos, impedira que dessa vez (como de muitas outras) tivesse tomado conhecimento das contundentes frases do aguerrido poeta, eleva a lugar altíssimo a figura para ele sobre todas querida, escrevendo :

Acostumado a venerar o escritor verdadeiramente grande e ilustre de quem tenho a honra de descender; afeito a estudá-lo, a lê-lo, a adivinhá-lo; conhecendo muito de perto os tesouros morais incalculáveis daquela alma puríssima, e daquele coração de ouro; não posso, sem muita e muita mágoa minha, ver que assim desconhecem, descompreendem e caluniam um homem, que para mim é mais do que um Pai: é um simbolo literário, e é uma glória nacional e europeia, e... (venhamos ao íntimo) é o maior, o mais seguro, e o mais dedicado dos amigos.

Este opúsculo, de rara beleza formal, reflecte admiravelmente a sua nobilíssima alma e demonstra o desassombro que sempre punha na defesa das suas opiniões. Com vigorosa firmeza exteriorizava o seu pensamento, mesmo quando discordante do das mais altas figuras intellectuais ou políticas.

Concebendo o plano das *Memórias* e ocupando-se largos anos do seu original definitivo, Júlio de Castilho concretizava em obra perdurável o seu grande amor filial. Como não havia de proceder assim quem pretendia que esse tão profundo sentimento se manifestasse mesmo além da morte? Sim, além da morte... Lançado à terra o corpo do poeta envolto apenas num lençol — conforme expressa-

mente determinara, num rasgo de profunda humildade, do mais puro franciscanismo —, outro desejo seu foi ainda cumprido, piedosa missão de que o seu dedicadíssimo amigo Dr. Miguel Trancoso comodamente se desempenhou: sobre o coração de Júlio de Castilho foi colocado o retrato do seu bem-amado pai. Debaixo da terra ficaram assim unidas essas duas grandes figuras, cujas almas, sobre ela, jamais se haviam separado!

Para início dos estudos preliminares das *Memórias*, teve o futuro olisipógrafo de ocupar-se do sítio onde se levanta o prédio em que, no ano de 1800, nasceu o primeiro Visconde de Castilho (a dois passos do local em que nos encontramos); começou a percorrer a *Crónica da Companhia de Jesus*, de Baltasar Teles, e redigiu logo um capítulo, seguindo de mais alguns. Vendo que esse ponto acessório ia alastrando demasiado, escreveu um volume, que veio a constituir a primeira edição de *O Bairro Alto*, consideravelmente ampliada nos cinco volumes da segunda edição. Assim, com origem nas *Memórias de Castilho* nasceu a *Lisboa Antiga*.

A história da publicação da vasta colecção das *Memórias* é bastante acidentada. Em 1881 apareceram dois volumes, editados à custa do Autor e por ele oferecidos à Escola Castilho, efémera instituição lisboeta de educação e beneficência. A impressão da obra não prosseguiu; só decorridos dez anos, a pedido da comissão redactora da revista *O Instituto*, órgão do Instituto de Coimbra, de que os dois Castilhos foram sócios honorários, começou a inserção, nas suas páginas, do livro III, continuada durante muitos anos, motivo por que, animado por tão benévola hospitalidade, Júlio de Castilho concluiu o manuscrito em 1899.

Os dois primeiros volumes passaram a ser uma raridade, e os restantes livros, repartidos por numerosos tomos daquela publicação, eram de difícil consulta, o que levou o presidente do Instituto — em 1901, o Prof. Doutor Bernardino Machado — a propor que se empreendesse em livro a edição integral da obra. Chegaram a imprimir-se algumas folhas, mas dificuldades financeiras obstaram a que se prosseguisse.

Júlio de Castilho, no propósito de aperfeiçoar este seu tão querido trabalho para a almejada edição definitiva, ia constantemente modificando e ampliando o texto. Entre as adições conta-se a expressiva dedicatória a El-Rei D. Manuel II, na qual o Autor afirma tra-



tar-se da sua *obra capital*. Já no final da primeira variante das *Memórias*, inserta em *O Instituto*, escrevera: «Ei-la acabada, a *minha maior obra*», confissão a que juntou ainda estas belas palavras: «Ao que aqui deixo, tão comprovado, tão saído do coração, e tanto do coração dedicado à geração de amanhã, — que posso acrescentar? Nada.» Só lhe restava — disse ainda — agradecer a Deus duas coisas, das quais não sabia qual o ensoberbecia mais: «A primeira, ter tido por pai, educador, esforçador, amigo, um Homem assim; a segunda, não ter acabado a existência antes de haver concluído esta *obra colossal*. Agora posso morrer: cumpri neste mundo a minha missão».

É este o momento, para mim muito grato, de assinalar a presença entre nós de quem ouviu Júlio de Castilho lamentar não ter sido possível empreender-se a edição definitiva dessa vasta e magistral obra. É uma presença que equivale a precioso depoimento. Refiro-me ao meu venerando amigo Sr. Zuzarte de Mendonça, distinto homem de letras e brilhante jornalista católico, autor de excelente artigo inserto no já citado *In Memoriam*. Dessa sentida página, intitulada *Um Desejo do Poeta*, recordo algumas passagens, assim prestando homenagem a quem, não tendo sido dos íntimos do segundo Visconde de Castilho, afoitamente asseverou que nenhum dos seus admiradores lhe quis mais e mais o apreciou.

Escreveu o Sr. Zuzarte de Mendonça:

Ouvi-lo, era ficar encantado. E esse encanto redobrava, fortalecia-se após alguns momentos de conversa com o ilustre fidalgo, tão simples de maneiras, afável para todos, sem a affectação e a aspereza de tantos, que debalde procuram ser amáveis e despidos de preconceitos...

Após ter recordado algumas das suas visitas à tebaida do Lumiar, lembra que durante a última, no ano de 1916, a certa altura Castilho falou das suas obras e enternecidamente, amorosamente, referiu-se às *Memórias*. Comentário do ilustre publicista aqui presente:

Por ser livro seu? Sobretudo por nele se ocupar de seu pai, do velho e honrado Castilho. A alma do Visconde abriu-se. De amargura ou tristeza, os seus olhos amorteceram-se. E lamentou que não fosse possível publicar, em volume, essas *Memórias* queridas, que eram a história de António Feliciano e tantos subsídios continham também para a de uma família e a de uma época...

Aventada a hipótese de alguma das grandes livrarias de Lisboa ou Porto se encarregar da edição, Castilho respondeu num desconsolo:

Não, não. Os tempos vão tão maus para empresas destas!

Nenhuma homenagem melhor poderia ser prestada a Júlio de Castilho que a realização do seu desejo expresso nessa palestra íntima — disse o Sr. Zuzarte de Mendonça ao concluir o seu belo artigo, acrescentando ainda ser sua convicção que, quando o Instituto de Coimbra não pudesse levar a efeito a publicação das *Memórias*, amigos e admiradores do poeta, homens de letras, escritores e artistas, sem grande dificuldade, lograriam consegui-lo.

Era esta a posição do problema à data da morte de Júlio de Castilho. Por força do seu testamento, entrou o Instituto de Coimbra na posse do original definitivo, e decorridos poucos anos, em 1924, o notável Prof. Doutor Joaquim de Carvalho propôs, o que unânimeamente foi aprovado por essa douta academia, que ela tomasse a seu cargo a edição íntegra da obra. Decorridos dois anos, apareceu o primeiro volume; em 1934 concluiu-se o sétimo, em que a narrativa atinge o ano de 1854, mas tão louvável empreendimento editorial não prosseguiu, faltando conseqüentemente o período de 1855 a 1875. Os sete volumes publicados contam cerca de 2500 páginas.

Como nota ocasional, recordo que, ao lado desta obra fundamental da bibliografia de Júlio de Castilho, outra de acentuada relevância se nos depara, igualmente consagrada à glória do pai, pelo que não deve ser olvidada neste momento: ter organizado a edição popular, em 80 volumes, das *Obras Completas de António Feliciano de Castilho, revistas, anotadas e prefaciadas por um dos seus filhos*, iniciada em 1903, encargo de alta responsabilidade, em que procurou remediar graves inconvenientes de muitas das impressões anteriores, motivados pela impossibilidade de o autor, privado da vista desde a mais tenra meninice, rever manuscritos e provas. Assim, numerosos dos seus livros apresentavam aspecto tipográfico esteticamente inferior e eram mal pontuados e mal paragrafados, mesmo por vezes incorrectos, o que não lhes facilitava a leitura. E a embaraçar ainda a missão do diligente revisor desta enorme colecção, a circunstância de Castilho nunca ter reeditado obras em que o

texto fosse integralmente idêntico ao das edições anteriores. Tudo brilhantemente vencido, pelo que têm de considerar-se inoperantes algumas reservas feitas a este notável trabalho de Júlio de Castilho, que tanto honrou a pesadíssima herança da glória paterna, sem contudo se deixar apagar pelo brilho dela irradiado, nem — como notou um seu panegirista — a ter empalidecido com a sua própria sombra.

★

Permitam-me ainda V. Ex.<sup>as</sup> brevíssima anotação acerca da personalidade do Visconde Júlio de Castilho, figura que pode apresentar-se, a quem não conheça suficientemente a sua vida e obra, como a de um erudito profundamente absorvido pelo estudo e por isso alheio aos problemas do seu tempo. É certo que, intransigente, defendeu algo do que se encontrava já irremediavelmente ultrapassado, mas no entanto terá de repudiar-se por exagerado o juízo daqueles que o consideravam deslocado na sua época, como um escolar do fidalgo e fradesco século XVIII transviado num ambiente de parlamentarismo e cepticismo, como foi o de Portugal da segunda metade do século passado...

Como elemento esclarecedor da sua orientação antolha-se-me de inestimável valor uma conferência acerca de *O Cristianismo e o Operariado*, proferida em 1897 na Associação Protectora dos Operários, colectividade que surgira por influxo da célebre encíclica *Rerum Novarum*, aparecida pouco antes. É certo que a doutrina expendida pelo orador não seguia com rigor os princípios do famoso documento pontifício, mas não nos pode deixar dúvidas sobre a sua atitude, dado que Castilho logo de início acentuou que falaria aos operários chão e claro, como irmão a irmãos:

Senhores, eu nada mais sou do que um operário, e por isso me considero aqui entre irmãos.

Vejo-o, por isso, a perfilhar, sempre em alto ideal, quanto pudesse contribuir para a dignificação do Homem, sem se escravisar cegamente à herança do passado.

Quanto ao seu espírito crítico e desassombro na exteriorização do seu pensamento — a que já aludi —, não pode esquecer-se que nunca abandonava, entre amigos, sobretudo nos pequenos conclaves

da sua evocadora casa, a fina ironia que tanto prezava: eram levadas de recordações, de notas inéditas, de chistes lusitanos, quase com análises e sínteses à malmaíça, confrontando-se gigantes, verificando-se pigmeus, desmascarando-se tartufos..., mas com parcimónia e caridade relativa. No dizer de um dos seus íntimos, tudo decorria sem um só esvumo de vida íntima ou um farpão de voluntária calúnia.

E ao encerrar esta pequena divagação, ficará bem um exemplo da graciosidade com que Júlio de Castilho, conversador emérito, amenizava as suas críticas, pois ligeiros pormenores evidenciam por vezes admiravelmente facetas características de uma personalidade. Defensor de que, em literatura e em arte, só o clássico é eterno (esquecendo assim que toda a inovação é portadora de uma mensagem, que é mister analisar — permita-se este meu pobre comentário), compôs em hora de bom humor o seguinte soneto, pequena obra-prima no seu género:

#### AOS SONETISTAS MODERNOS

Se além-campa, do Céu na eterna estância  
lê Bocage os sonetos de hoje em dia,  
há-de inflamar-se em cólera tardia,  
e olhá-los com suprema repugnância;

fracos na ideia, coxos na elegância,  
na rima pobres, baldos na harmonia,  
relé bastarda, impando de ousadia,  
prezados só da bárbara ignorância.

Elmano vingador, sus! Porque esperas?  
Vibra a sátira audaz, confunde o vício,  
troas, como troavas noutras eras.

E ele: — Deixa-os no estúpido exercício.  
Zangar-me eu? Não; mas digo, e a rir de veras:  
Outro ofício, meninos, outro ofício.

★

Ao terminar as minhas considerações, julgo ter convincentemente fundamentado a imprescindibilidade de se concluir a publicação integral das *Memórias de Castilho*. Creio estar o Instituto de Coimbra

empenhado em cumprir o desejo manifestado pelo Autor; e assinalo o interesse que ao Ministério da Educação Nacional mereceu a impressão da parte já dada a lume, como se depreende da menção, constante dos últimos volumes, de ser a sua publicação subsidiada pela antiga Junta de Educação Nacional.

É de prever que, também hoje, não faltará a esta patriótica empresa idêntico apoio. O alto patrocínio de sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, o eminente Prof. Doutor Inocêncio Galvão Teles, lisboeta muito ilustre, dar-lhe-ia significado de especial relevo.

Tal empreendimento reveste-se de grande importância cultural, tanto pelo valor intrínseco da obra, como por ela constituir precioso elemento da bibliografia olisiponense, quer pelos acontecimentos de que se ocupa quer pela circunstância de os dois Castilhos — um, seu herói; outro, seu autor — terem tido por berço a nobre Lisboa. Que se conclua, pois, a sua edição, mesmo com apoio de outras instituições culturais, se necessário! Eis o voto que, em nome do Grupo «Amigos de Lisboa», formulo neste tão solene momento.



*Eng. Augusto Vieira da Silva*

Engenheiro  
AUGUSTO VIEIRA DA SILVA

*pelo Doutor* EDUARDO NEVES

Excelentíssimo Senhor Representante de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional  
Senhores Presidentes da Assembleia Geral e da Junta Directiva  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Devo começar, e faço-o gostosamente, por saudar a figura tão ilustre do lisboeta insigne, que é o nosso sócio honorário Senhor Almirante Américo Deus Rodrigues Thomaz, que nos deu a honra do seu apoio espiritual a esta sessão na impossibilidade de comparecer como se refere na carta que nos endereçou. Quero saudar também o Senhor Ministro da Educação Nacional, também de Lisboa natural e professor ilustre da nossa Universidade, cuja ausência lamentamos, embora tão dignamente representado por V. Ex.<sup>a</sup>, seu Chefe de Gabinete, Senhor Dr. Fernando Galvão Teles, também nosso conterrâneo, e com muita honra, a quem pedimos o obséquio de transmitir a seu ilustre Irmão os nossos cumprimentos e agradecimentos.

As famílias dos Homenageados de hoje, particularmente, como me cumpre, aos familiares do Eng. Augusto Vieira da Silva, as nossas saudações amigas e respeitosas.

O Coronel de Engenharia Augusto Vieira da Silva nasceu em Lisboa em 17 de Setembro de 1869.

Esse facto determinou, certamente, o seu apego à cidade onde nasceu e viveu e que foi para ele fonte de estudo e tablado de acção, um e outro profícuos, de aturado e apurado afinco e proficiência, ora militar ora profissional em obras de vulto especializadas. Mestre Vieira da Silva enveredou depois e simultaneamente por o estudo da história olisiponense.

Não irei, em palavras empoladas ou europeis de descrições, falar da sua vida e acção em que tanto há que referir, anotar e apren-

der. Logo em tenente publica na *Revista de Engenharia Militar* e depois em separata (1898) o seu *Castelo de S. Jorge*, que tenho com dedicatória, feita em 1938, e que depois seria várias vezes reeditado, com acrescentamentos e novos estudos. É de referir, que algumas asserções então feitas vieram a ter justificação plena, quando das escavações da última reconstrução do nosso Castelo.

São numerosas — centenas — as suas obras, artigos e estudos em revistas e jornais. Foi editora de muitos dos seus trabalhos a Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Lisboa pelos seus Serviços Culturais, que o encarregou da revisão da *Lisboa Antiga — Bairros Orientais* de Mestre Júlio de Castilho — aquando da sua reedição, e que em 1934 lhe concedeu a Medalha de Ouro da Cidade.

Foi o primeiro Presidente da nossa Junta Directiva e mais tarde sócio honorário e Presidente de honra do nosso Grupo que ajudou a fundar em 1936.

A sua obra, a sua proficiência e a sua probidade científica e profissional impuseram-no à consideração de todos. Sócio das Academias de Ciências e de História, dos Arqueólogos Portugueses, como militar reformou-se no posto de coronel, como funcionário ascendeu a inspector superior.

A sua biografia pormenorizada consta do seu *curriculum*, já publicado, e a nós, hoje, que o homenageamos nesta sala, no limiar do trigésimo aniversário da fundação dos «Amigos de Lisboa», interessa-nos falar do velho amigo, companheiro e mestre.

Teve profundo affecto por esta Casa, acompanhou interessadamente os primórdios da nossa vida cultural e foi particularmente amigo de muitos de nós. Recordo com saudade e ternura que fui um dos eleitos dessa amizade e que possuo quase toda a sua obra com amáveis, curiosas e graciosas dedicatórias, algumas tão chistosas que não se pensa serem assim, por não se coadunarem com o seu aspecto taciturno e severo. Para documentar estas asserções trouxe a V. Ex.<sup>as</sup> dois exemplares, um, um cartão de agradecimento, a propósito da concessão do prémio Júlio de Castilho que lhe foi outorgado em 1943 e em resposta a uma carta de felicitações que então lhe escrevi, e outro, o exemplar do volume I de *A Cerca Fernandina de Lisboa* que se publicou em 1948 e que como de costume me deixou, como quase todas as suas obras, humildemente embrulhado, e mal, num bocado de jornal, no escaparate da correspondência do meu consultório, e fazia-o assim, dizia, por serem coisas sem importância.



O cartão, depois dos agradecimentos e cumprimentos, dizia:

... Eu não tenho culpa de que o Júri me haja atribuído o prémio, por um trabalho que eu considero insignificante, mas como não tenho o direito de discutir as deliberações de quem manda, resigno-mo a aceitar... o prémio.

Na *Cerca Fernandina* após a seguinte dedicatória, que transcrevo na íntegra:

Junho de 1949 — Ao seu Amigo Dr. Eduardo Neves.

Para esparecer seus ócios,  
E distrahir-se da medicina,  
Tenho o prazer de lhe oferecer  
A minha «Cerca Fernandina».

(Ass. A. Vieira da Silva)

Era modesto em tudo, no trajar, no falar, tinha horror às exhibições e reclames, mas, em toda a parte onde falava ou aparecia era sempre o primeiro, pelo seu saber e pelo seu prestígio.

Coisa a referir, a olisipografia e a numismática, a que por dilettantismo me dediquei na minha mocidade, nos lazeres da minha vida profissional, têm na sua história e nos seus vultos maiores, algumas parecenças. A olisipografia abriu novos horizontes nos nossos tempos com os exaustivos trabalhos repassados de romantismo do 2.º Visconde de Castilho — Júlio — há pouco evocado tão erudita quão elegantemente pelo Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, que (coisa curiosa!) foi promovido a inspector superior, como segundo sucessor, na vaga aberta pela aposentação de Vieira da Silva. Aquele autor com o seu *Bairro Alto, Lisboa Antiga e Ribeira de Lisboa*, desbravou o encanto da vida de antanho da nossa cidade e teve como sucessor directo o espírito exacto e matemático do Eng. Vieira da Silva, seguido depois pela pléiade brilhante e numerosa dos contemporâneos cultores desses estudos, que na grande maioria aqui estiveram agremiados.

Na numismática o médico Dr. Teixeira de Aragão, em seguimento do académico Lopes Fernandes, depois de António Caetano de Sousa, deixou-nos a obra mater da numismática portuguesa, seguida depois por obras várias em que avultam pela exactidão dos conceitos e a certeza dos estudos as figuras do médico Dr. Leite de Vasconcelos e

do Eng. Raul Couvreur, este também engenheiro inspector superior, em muitas facetas parecido com o Eng. Vieira da Silva, probo também na investigação, proficiente e cultíssimo, que deixou obra perdurável a que se seguiram depois vários cultores, de que é justo referir pelo nível dos seus trabalhos o também Engenheiro Ferraro Vaz.

Quando há pouco chamei ao Eng. Vieira da Silva espírito matemático, estou a recordar o conceito do Eng. Couvreur, quando comigo alternava na Presidência da Comissão Numismática dos Arqueólogos



*O Sr. Doutor Eduardo Neves usando da palavra*

Portugueses, o qual me disse uma vez ser necessária a cultura das ciências exactas, matemáticas sobretudo, para produzir investigações sérias. E de facto as obras de engenheiros, médicos e outros formados nessas ciências, avultam entre as dos investigadores de tomo.

Não era Vieira da Silva investigador dado a casos pessoais ou familiares ao jeito de Júlio de Castilho, primeiro, com a sua *Lisboa Antiga*, em que abundam as árvores genealógicas de que era especialista, e depois Tinop e outros, que se lhe seguiram, em que esmiuçam, talvez demasiadamente por vezes, as vidas de cada um; mas sim, o homem dos arquivos e dos monumentos, tirando dos primeiros as provas e fazendo dos segundos a história documentada e exacta.

Vieira da Silva era um caso ímpar na investigação olisiponense, porque não sendo mais que um profissional de engenharia e um investigador de história, não se dispersou noutras actividades; trabalhava sem as pressas a que certas profissões obrigam e para as palavras ditas ou escritas usou sempre o processo da régua de cálculo, para terem sempre a justa medida e levarem a anotação correspondente ao documento em que se baseava.

Evocar Vieira da Silva, como os outros evocados de hoje, é falar mais com o coração do que com o cérebro, porque é falar de velhos familiares queridos que a morte nos levou, velhos avós venerandos que deixaram memória perdurável entre nós.

Como mera nota, e são certos nada da vida passada, que demonstram, tantas vezes, a qualidade e o labor dos homens, referirei que, ainda oficial subalterno de engenharia, Vieira da Silva foi encarregado de estudar da possibilidade de obras a fazer na Torre de S. Lourenço do Bugio; e estudou, como se referiu, a textura primitiva da Castelo, prova da competência profissional e predisposição para a obra futura do estudioso de Lisboa.

Vieira da Silva era, bom é que em tempo se diga, um profissional de engenharia distinto, sobretudo nos cálculos de construção em cimento armado, que na sua época se iniciavam, sendo obra sua, a primeira chaminé nesse processo construída, numa antiga fábrica na Avenida das Cortes, o que para a época tinha séria dificuldade e foi notável.

Como engenheiro militar dirigiu ainda obras nas baterias de S. Gonçalo e do Areeiro, além das do Alto do Duque e como engenheiro civil dirigiu as obras da estação do caminho de ferro do Cais do Sodré da Sociedade Estoril e a reconstrução da ala oriental do Terreiro do Paço.

Aposentado já, continuou sempre com os seus estudos e cálculos de construção, trabalhando neles quase até morrer.

Como coleccionador, Vieira da Silva, com uma persistência extraordinária, conseguiu amealhar riquíssima colecção, hoje pertença da nossa Câmara Municipal, e para se provar o seu espírito metódico em tudo, vou referir um episódio passado comigo.

Era meu hábito, sempre que me chegava à mão, ou sabia da existência de qualquer espécie olisiponense, mostrar-lha, para, se a não tivesse, lha oferecer — era mais meritório, a quem tinha quase tudo,

ter mais um exemplar que lhe faltava, do que a quem não tinha quase nada... ou para que tivesse ensejo de a adquirir.

Tratei, no coração do Bairro Alto, uma idosa titular que, no átrio da sua residência apalaçada, possuía um quadro a óleo com referências à tomada de Lisboa. Vieira da Silva conhecia-o e... apetecia-o. Falecida a titular, informei, no próprio dia, Vieira da Silva, do facto, dizendo-lhe que o recheio da casa tinha sido legado a algumas serviçais. Com a sua voz pousada, do outro lado da linha, Vieira da Silva, responde-me, que já tinha lido a notícia nos jornais e... já tinha adquirido o quadro.

Estes pequenos nada marcam as qualidades, a personalidade, o método, e a persistência e ânsia de saber guardar e coleccionar.

Para a sua preciosa biblioteca possuía Vieira da Silva dois interessantes ex-líbris, ambos desenho seu, em que Lisboa está bem focada com a representação das ruínas do Carmo, havendo num deles um curioso desenho com as suas iniciais.

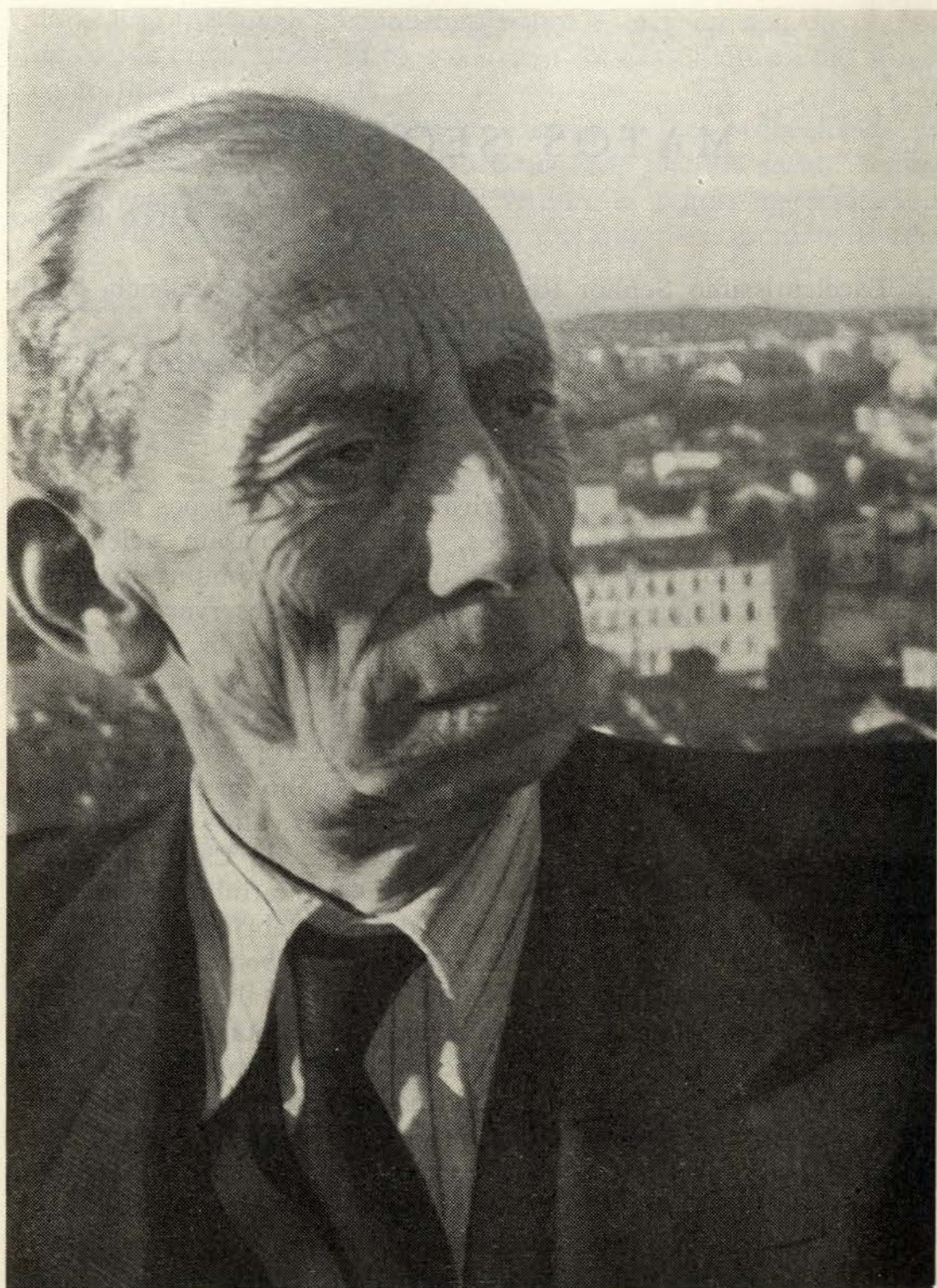
A aspiração do nosso Director-Tesoureiro, expressa no artigo necrológico do Engenheiro Augusto Vieira da Silva, publicado no nosso OLISIPO n.º 54, de 1951, de ver na nossa sede um retrato a óleo do nosso antigo presidente de honra, fica realizada agora, por dádiva sua, base da nossa homenagem de hoje, consagrada pelo alto patrocínio de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, também nosso sócio de honra e lisboeta ilustre, e a presença de V. Ex.<sup>as</sup>.

Para que se coadunassem as palavras ditas à modéstia proverbial de Vieira da Silva, foram elas também modestas, como modesto é quem teve a honra de perante V. Ex.<sup>as</sup> vir proferi-las.

Foram, é certo, menos eloquentes do que as que se disseram e as que se vão dizer, mas, foram igualmente sentidas, na saudade dos sentimentos que as ditaram e na sinceridade das expressões proferidas.

Vieira da Silva continua vivendo entre nós, acompanha-nos sempre e incita-nos com o seu exemplo, como nos ensinou com o seu saber.

Tenho dito.



*Gustavo de Matos Sequeira*

# MATOS SEQUEIRA

por HUGO RAPOSO

Excelentíssimo Senhor Representante de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional

Ilustres Representantes das Famílias dos olisipógrafos evocados  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estamos aqui para nos referirmos aos três insignes escritores lisboetas, nossos contemporâneos, que se tornaram célebres e imortais no culto e na prática de uma missão comum: a investigação da arqueologia olisiponense, e é curioso observar que tendo tido, todos, objectivos de carácter semelhante, cada um deles se individualizou e evidenciou na forma como ficou expressa a sua obra. Não vale a pena estabelecer uma ordem de prioridade de valores, dada a vastíssima soma de matéria escrita e escrupulosamente averiguada, que ficou para a posteridade como espólio da espantosa virilidade literária de qualquer daqueles três grandes vultos olisiponenses.

Naturalmente coube ao fidalgo Visconde de Castilho, salientando-se sobre Vilhena Barbosa, Pinho Leal, Marinho de Azevedo, Gomes de Brito e outros, a precedência da acção, abrindo a porta para o grande voo da *Lisboa Antiga* e da *Ribeira de Lisboa*, atirando com a cultura da olisipografia para culminâncias mentais absolutamente imprevistas, com o que ganhou desde logo um «handicap» que tornou difícil, e mesmo bastante difícil, encontrar daí para o futuro quem pudesse disputar-lhe o prestígio alcançado. Júlio de Castilho não deu um passo em frente, adiantou-se em léguas de tudo quanto estava escrito e averiguado até à época. O seu desaparecimento em Fevereiro de 1919 ocasionou as mais vibrantes e mais sentidas manifestações nos sectores esclarecidos da sociedade.

Quanto ao sábio Eng. Augusto Vieira da Silva tive o privilégio da sua privança durante muitos anos e dele posso falar com a segurança de quem com ele conviveu. Poderei mesmo acrescentar que a base

da minha formação olisiponense, pobre e apagada sem dúvida, fundou-se de certo modo no meu convívio com esse homem tão simples como ilustre.

Enquanto Castilho empreendeu uma digressão arqueológica, passeando com a sua bengala aristocrática pela matéria geral, Vieira da Silva, seguindo as facetas do seu feitio e as regras matemáticas da sua formação, mergulhou no fundo das questões, munido de régua e compasso e abordou os assuntos um por um «au fur et à mesure» deixando-nos estudos de incalculável merecimento, dentre os quais se destacam, pelo esclarecimento exaustivo, a história da *Cerca Moura* e a história da *Cerca Fernandina*.

Neste triunvirato de palestrantes da sessão comemorativa que aqui decorre, a minha companhia com o Sr. Doutor Eduardo Neves e com o Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, cria-me a desigualdade de me não sentir em equilíbrio de intervenção para ombrear com dois dos mais prestigiosos valores mentais desta instituição, circunstância que se agrava com o facto de eu ter sido o designado para falar do eminente académico Gustavo de Matos Sequeira.

Que poderei eu dizer de novo para tecer o elogio olisiponense de quem foi Presidente desta casa e que todos os presentes conheceram? Que factos novos da sua vida ou aspectos desconhecidos do seu carácter poderia eu vir aqui revelar a uma assembleia que o conheceu tão bem como eu, se Matos Sequeira desapareceu do nosso convívio há tão pouco tempo?

No momento em que tomo a pena para me referir a esse meu dedicado Amigo, ainda me interrogo a mim próprio sobre o rumo que deverei dar às minhas considerações, dificuldade que aliás se não funda na carência de matéria, quanto ao meu homenageado, mas exactamente na premissa contrária, de se tratar de uma individualidade que se dispersou, sem nunca se perder nem inferiorizar, pelos mais variados sectores do espírito. Se neste mundo de Cristo pode referir-se alguém como polígrafo, Matos Sequeira pode, sem dúvida nenhuma, ser apontado como exemplo daqueles que possuem exuberância mental para se ocuparem, e sempre relevantemente, de trabalhos e actividades de vária ordem, desde o jornalismo ao teatro, da poesia à oratória, da investigação ao comentário, da reconstituição plástica à interpretação histórica, de coleccionador a conselheiro urbanista, de autor a crítico, de artista da pena a inspirador de artistas e,

na sua passagem longa pela vida, oitenta anos vividos em acção permanente, exerceu funções públicas e comerciou antiquilhas.

Foi por consequência, Matos Sequeira, homem duma extraordinária e invulgar operosidade. De resto, quem como nós todos, acompanhou dia a dia a sua presença nesta casa e tinha acesso — que ele não recusava — ao seu gabinete ali dentro, onde comparecia, tanto de manhã como de tarde, com assídua regularidade, podia verificar a intensidade do seu labor, envolvido numa nuvem de fumo, entre



*O Sr. Hugo Raposo no uso da palavra*

montes de livros. entre montes de papéis e dum cinzeiro cheio de pontas de cigarros.

Recebia os seus amigos com afabilidade, mesmo quando se encontrava em transe de meditação, mas quem o conhecia, podia notar que ele, sem se esquivar ao diálogo, intervinha como que absorto. O seu pensamento pairava longe.

Matos Sequeira foi quase de certeza o homem mais consultado do seu tempo e eu, que aqui o acompanhei durante tantos anos posso atestá-lo. As consultas, pessoais ou telefónicas, directas ou por interposta pessoa, eram constantes. Para a mais pequena interrogação



que fosse, ocorria imediatamente a ideia de recorrer a Matos Sequeira, que tinha de enfrentar as mais traiçoeiras perguntas, verdadeiras cascas de laranja, como por exemplo, recordo agora, quando lhe perguntaram à queima-roupa o que significavam as iniciais P. P. D. que figuram na inscrição em latim do Arco da Rua Augusta.

Quando chegar ao fim da minha palestra tenho a certeza de que vou ser acusado de não ter dito tudo quanto devia e de ter omitido muitos aspectos e muitos factos salientes da sua vida. Mas a que extensões orais ou escritas seria necessário recorrer para historiar em pormenor a fecunda actividade de Matos Sequeira? Por um lado não quero repetir-me nos temas que abordei quando da entrevista que publiquei no OLISIPO em Janeiro de 1955. Por outro, não seria bom caminho desdobrar aqui o enunciado inventarial descrito no *Catálogo da Exposição Evocativa*, realizada no Palácio Galveias nos princípios de 1963.

Sinto-me, portanto, apertado em condicionalismos de que não devo afastar-me. Se, pois, não posso espraia-me por caminhos de que facilmente não sairia, também é certo que não devo deixar de focar alguma devida saliência da sua personalidade e, por muito que procure, a mais recta orientação para prestar culto à figura, cujo elogio histórico se me confiou, dentro do espaço de tempo que me foi reservado, será a de ocupar-me mais detidamente de Matos Sequeira como Amigo de Lisboa.

Ao fixar-me nessa direcção vem-me imediatamente ao pensamento a interrogatória: Quem teria sido neste mundo, mais Amigo de Lisboa que Matos Sequeira? Ele foi o cantor-mor da sua cidade natal, entoando salmos tanto para os entendimentos apurados e exigentes das academias eruditas, como para as sensibilidades prosaicas das camadas populares. Matos Sequeira, académico, era afinal uma figura popular.

Se o *Carmo e a Trindade e Depois do Terramoto* são obras de elevada erudição, reservadas a selectas compreensões e à consulta dos estudiosos, o mercado do século XVII que organizou no Largo de S. Domingos, em 1926, de colaboração com Alberto de Sousa e Leitão de Barros, e a reconstituição dum trecho da Lisboa Antiga que levou a efeito na Cerca das Francesinhas por ocasião das famosas Festas da Cidade efectuadas em 1935, são documentações vivas destinadas à educação do povo, que melhor pode entender a imagem que a leitura.

Esta última realização causou a maior estupefacção pública e ocasionou uma verdadeira consagração do seu autor. É certo que Matos Sequeira já se havia salientado em 1914 quando organizou no Museu do Carmo a *Exposição Olisiponense*, sob a Presidência Honorária do Visconde de Castilho. Para dar a V. Ex.<sup>as</sup> uma ideia da importância deste cometimento bastará dizer que a Exposição se desdobrava em cinco grupos, abrangendo cerâmica, planos e plantas, vistas e aspectos, bibliografia e documentação etnográfica, tendo reunido mais de setecentas peças.

Cinquenta anos volvidos sobre esse acontecimento, o catálogo respectivo está hoje considerado uma valiosa espécie bibliográfica.

Alcançado tão grande prestígio não podia deixar Matos Sequeira de figurar no número das personalidades que fundaram este Grupo e mais do que isso, foi dentre elas uma das que maior contributo ofereceram nas actividades dos primeiros tempos. Estou a vê-lo, há quase trinta anos, no patamar alto da escadaria da Mãe-d'Água, às Amoreiras, explicando aos primeiros Amigos de Lisboa, as torturas que Lisboa passava com a falta de água antes de existir o Aqueduto joanino, falando, como era de seu jeito, como se se dirigisse a um auditório distante, e terminou nessa tarde, que foi um encantamento para quem o ouviu, com uma frase de elevado conceito: «Duzentos anos decorridos sobre a inauguração deste Aqueduto, hoje cada lisboeta tem a ventura de possuir um chafariz em sua própria casa.»

Matos Sequeira, tanto quanto pude observar, costumava documentar-se previamente, pelo menos para as suas mais importantes intervenções orais, mas frequentes vezes sucedeu o acaso dos acontecimentos colocá-lo na situação de ter de discursar de improviso. E então podia notar-se que se estava em presença dum orador de recursos, não só na formação elegante da frase, como na dedução dos conceitos e até na arrumação harmoniosa da sequência dos assuntos.

Matos Sequeira era acentuadamente um estilista, tanto na linguagem falada como na linguagem escrita. As suas orações tendiam para as composições arcaicas da língua portuguesa, quer no jeito da frase quer no emprego de vocábulos caídos em desuso, que ele tinha o segredo de saber introduzir no decorrer do discurso.

Poderia trazer a V. Ex.<sup>as</sup> inúmeras provas, que não seria difícil localizar, mas apesar de não desejar alongar-me em citações, não resisto a recitar a legenda que abre o livro *A Nossa Lisboa*:

*Esta é Lisboa*

*a qual os antigos chamaram princesa do mar oceano. Cabeça e coroa de Portugal. Cidade prima em nobreza e formosura, sobre montes edificada, à beira do Tejo erguida como presépio, e de cujo seio de água partiu a ânsia dos descobrimentos. Esta é Lisboa, mãe de navegadores, madrinha de naus e caravelas, rainha do Ocidente. Afonso Henriques a conquistou aos Mouros, D. João I a defendeu dos Castelhanos, os restauradores de 1640 lhe firmaram a coroa, D. João V a enobreceu e enriqueceu, Pombal a reconstruiu, o povo a libertou de estranhos em todos os tempos e a fé a protegeu contra todas as iniquidades e injustiças. Esta é Lisboa, a capital de Portugal. A mais antiga nação de toda a cristandade, a mais pitoresca terra de todo o mundo. Tu que chegaste agora... tira o chapéu.*

Matos Sequeira não se atemorizava de investir pelos mais densos mistérios da História. Penetrava neles com firmeza e encontrava as soluções. Mas não se pense que o valor da sua obra se confinava apenas a assuntos eruditos. Matos Sequeira jornalista, não desdenhava abordar a crónica ligeira e a reportagem jornalística, que deixou espalhada por várias publicações e nomeadamente n'*O Século* jornal em que bastante colaborou.

O Grupo dos Amigos de Lisboa, fundado em 1936, se em poucos anos se colocou na vanguarda das instituições culturais portuguesas, isso se deveu a um núcleo de pessoas ilustres que decisivamente intervieram na sua fundação, dentre as quais nunca é demais citar o nome de Luís Pastor de Macedo, a quem se deve o movimento organizador. Ajunte-se porém que Matos Sequeira já tinha tomado também posição cerca de vinte anos antes na Secção de Arqueologia Lisbonense da Associação dos Arqueólogos, assim como o

Doutor Eduardo Neves numa semelhante Secção, que constituiu na Sociedade de Propaganda de Portugal.

O OLISIPO, publicação que glorifica a nossa intensa actividade, encontra-se recheado da colaboração de Matos Sequeira, recordando-se, nesses textos primorosos, muitas jornadas célebres deste Grupo, como por exemplo a *Evocação do Café Martinho e Tipos do Leão d'Ouro*.

Um friso de figuras eminentes passou pela Presidência dos Amigos de Lisboa: Vieira da Silva, Reinaldo dos Santos, Celestino da Costa, a quem sucedeu Matos Sequeira, numa merecida e devida homenagem dos seus confrades, lugar em que permaneceu largos anos, com toda a consideração que se devia prestar a quem tinha assento também na Associação dos Arqueólogos, na Academia das Ciências e na Academia de Belas-Artes, que conquistou por duas vezes o prémio Júlio de Castilho e a medalha de ouro de mérito municipal.

Tenho que me conter na ânsia de ir mais longe. Para se voltar a falar de Matos Sequeira não hão-de faltar ensejos pelos tempos fora, direi melhor, pelos séculos fora e ao terminar a minha oração seja-me permitido lançar um vaticínio:

As contingências materiais da vida, que acerbamente dominam as manifestações do espírito, farão que as próximas gerações não venham a encontrar pretextos para homenagear alguém com méritos que, neste campo, se aproximem sequer daqueles três grandes vultos que nós hoje aqui homenageamos. As produções literárias que o Visconde de Castilho, o Engenheiro Vieira da Silva e o Académico Gustavo de Matos Sequeira legaram à posteridade são frutos de um ilimitado amor a uma causa, sentido com devoção, praticado com esclarecimento e exercido como um sacerdócio.

Vieira da Silva, Castilho e Sequeira foram probos historiadores, príncipes das letras lusitanas e dos mais insignes lisboetas de todos os tempos.

# O MOSTEIRO DE MARVILA

pelo Brigadeiro Dr. MEYRELLES DO SOUTO

**L**I, com prazer e proveito, o estudo de Ralph Delgado publicado no número 110 de OLISIPO, acerca deste edifício.

Como, por deveres profissionais, lá vou com frequência, deu-me infindo gosto saber tantos pormenores da sua longa existência.

Porém, por sugestões de leitura e falta de observação directa, um lapso aparece no final do citado artigo.

É que os quadros da igreja, por sinal bem dignos de restauro e conservação (para o que o Rev. Pároco já iniciou diligências, as quais Deus permita sejam coroadas de pleno êxito) não figuram passos da vida de Nossa Senhora, mas são verdadeiras notas biográficas de Santo Agostinho, o célebre bispo de Hipona, o grande Doutor da Igreja de Cristo.

E formam um conjunto muito interessante nas suas cores suaves e no seu desenho bastante correcto.

Para confirmação do meu asserto, basta apontar, como exemplo, aquele painel onde, em letras invertidas, escrito à árabe da direita para a esquerda, se lê o conhecido «Tolle, tolle, lege» que nas *Confissões* (liv. VIII, cap. XII, 29) o Santo nos refere ter escutado, frase que lhe modificou, por completo, o teor da vida.

E logo ao lado o seu baptismo pela mão de Santo Ambrósio, a sua ordenação e, num quadrinho de singeleza encantadora, o assaz conhecido episódio do Anjo que apareceu nas praias de Cartago, quando o pensador matutava em descobrir o Mistério da Santíssima Trindade.

Para melhor identificação, tentarei recordá-lo.

Passeava Santo Agostinho, ensimesmado, o espírito imbuído em altos pensamentos filosóficos, tentando mergulhar bem fundo naquele Mistério de sua e nossa Fé.

Eis que repara num menino a fazer uma cova na areia para onde transportava, às mãos cheias, água do mar, a qual, evidentemente, se escoava por entre os grãos soltos.

Ia e vinha nesse entretenimento, que o mantinha encantado, e parecia nem dar pela inutilidade dos seus esforços infantis.

Santo Agostinho, divertido, perguntou-lhe:

— Que estás a fazer?

Resposta pronta:

— Estou a meter nesta covinha a água do mar.

— Mas não vês que ele, tão grande, não pode caber lá dentro, nela tão pequenina?

— Pois sim — retorquiu a criança — mas fica sabendo que é mais fácil meter o oceano inteiro neste pequeno buraco do que o homem penetrar nos Mistérios de Deus.

E desapareceu.

Santo Agostinho, atónito com tal aviso, que considerou providencial, reconheceu, então, que os Mistérios da Fé se aceitam tal qual, pois se não pode pretender «explicá-los».

Ora, esta cena histórica lá está, também, claramente reproduzida.

E já não falo das demais pinturas: presidência de reuniões conciliares, morte do santo, etc., porque é desnecessário. Nem pretendo fazer roteiro, mas sòmente informar que pintam a vida do grande bispo de Hipona, do pensador e teólogo filho de Santa Mónica, o mestre doutor da Igreja Católica, as telas expostas nas paredes do templo de Marvila.

Merecem, sem dúvida, como escreveu o ilustre autor do artigo original, serem restauradas e conservadas, não só por algum merecimento artístico intrínseco, mas porque constituem (que eu saiba) a única biografia pictórica, no nosso País, de tão enorme figura do Pensamento Universal.

Bem andaria a Fundação Calouste Gulbenkian se juntasse, às outras benemerências, mais esta: a restauração destes painéis.

Aqui fica o apelo — e Santo Agostinho consiga que ele seja atendido breve.

O MOSTEIRO  
DE  
MARVILA  
(*Rectificação*)

por RALPH DELGADO

O artigo que publiquei, no Boletim n.º 110, sob este título, saiu com algumas inexactidões, devido a apressada revisão minha, que impõem indispensável rectificação.

Assim:

1 — Na página 116 e na linha 9, em vez de «A pintura e talha das capelas» deve ler-se: *A pintura e a talha da capela.*

2 — Na página 117 e na linha 2, em vez de «herdeira de Diogo Lopes Torres» deve ler-se: *esposa de Diogo Lopes Torres.*

3 — Ainda na página 117 e na chamada (8), deve acrescentar-se, ao *Livro de Óbitos dos Olivais n.º 4, pág. 51, a Breve relação, etc., de Luís Caetano de Lima.* Este dá o dia 17 de Março de 1666 como o da morte de Fernão Cabral. O registo o dia 18.

4 — Na página 118 e na linha 31, em vez de «por 700.000 réis mensais» deve ler-se: *por 700.000 réis anuais.*

5 — E na página 120 e na linha 9, em vez de «quadros alusivos à Virgem» deve ler-se: *quadros alusivos a Santo Agostinho.* Os quadros da Virgem estão à direita da capela-mor, havendo à esquerda quadros de Santa Brígida.

# ACTIVIDADE CULTURAL

*do segundo trimestre de 1965*

COM a assistência de grande número de associados e de vários membros dos Corpos Gerentes foi inaugurada em 24 de Abril, na nossa sede, uma exposição de desenhos do nosso consócio Sr. Luís Trindade, que foi muito frequentada e que incluía 12 desenhos de Medelim, 5 de Monsaraz e 14 com aspectos de Lisboa. Dessa exposição se publica uma foto.

Em 8 e 22 de Maio realizaram-se visitas culturais à Quinta das Terras em Pinheiro de Loures, propriedade do Sr. Francisco José Simões, que além da parte agrícola e pecuária de alto interesse inclui o Museu Tauromáquico de grande valor evocativo e histórico. Às visitas acorreram algumas centenas de consócios e suas famílias que transportados em autocarros e automóveis foram recebidos pelo proprietário e acompanhados por vários membros dos Corpos Gerentes.

A 15 de Maio, realizou-se na sede do Grupo uma sessão solene para inauguração dum quadro a óleo homenageando os notáveis vultos olisiponenses Júlio de Castilho, Engenheiro Vieira da Silva e Matos Sequeira, cuja obra foi focada respectivamente pelos Directores Srs. Eng. Júlio Eduardo dos Santos, Doutor Eduardo Neves e Hugo Raposo. Presidiu à sessão em representação do Senhor Ministro da Educação Nacional o seu Chefe de Gabinete Sr. Dr. Fernando Galvão Teles e estiveram presentes representantes das famílias dos homenageados e dois alunos do Colégio Militar, acompanhados pelos Generais Comandante do Colégio e Presidente da Associação dos Antigos



Alunos. Agradeceu em nome da família dos homenageados o Dr. Luís de Oliveira Guimarães. Os discursos são publicados neste número. À sessão assistiu também o escritor Sr. Zuzarte de Mendonça (Pai) que conviveu com o 2.º Visconde de Castilho.

Em 16 de Maio, sob a direcção do Director Sr. Dr. Caratão Soromenho, realizou-se uma visita à Sé Catedral de Lisboa. Nessa visita esteve exposta parte do rico tesouro da mesma Catedral.



*No acto inaugural da exposição do nosso consócio  
Sr. Luis Trindade*

Em 5 de Julho, inaugurou-se na sede uma exposição de óleos e desenhos da autoria da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelina Monteiro de Andrade Callixto que apresentou 17 quadros, sobretudo de motivos da nossa província de Angola.

Em 20 do mesmo mês, cerca de duas centenas de consócios e suas famílias deslocaram-se às instalações da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, no Poço do Bispo, visitaram pormenorizadamente os armazéns, nas suas várias secções, e foram obsequiados com um aperitivo e uma prova no final da visita. Foram recebidos pelo Gerente do Armazém Sr. António Flores e alguns colaboradores.

O Grupo fez-se representar nas conferências da Sociedade de Língua Portuguesa pelo Director Dr. Caratão Soromenho, na inau-



*D. Maria Adelina Callixto  
junto de alguns dos seus quadros expostos*

guração do retrato de D. Antão de Almada na Sociedade Histórica da Independência de Portugal e na Exposição Biblio-iconográfica da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional, e na Comemoração do Centenário do Abade de Baçal, na Associação dos Arqueólogos, pelo Secretário-Geral.

Na inauguração dos passeios turísticos em carros eléctricos de antanho realizadas por iniciativa da Star e da Companhia Carris o Grupo esteve representado pelo Secretário da Assembleia Geral, Sr. Dr. José Garrido Mendes da Cruz.

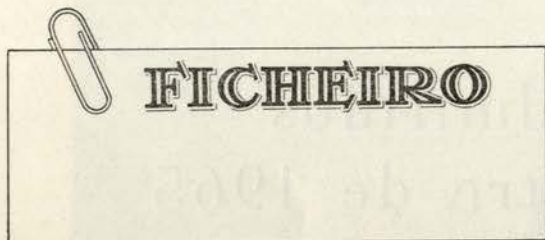
*E. N.*

## Sócios admitidos no 1.º semestre de 1965

- 3 503 — Dr. Basílio Lopes — *Professor do ensino liceal particular*  
3 504 — D. Amália Fernandes Bugalho Esteves — *Doméstica*  
3 505 — D. Stella Wood de Figueiredo Cunha — *Doméstica*  
3 506 — Martins & Rebello — *Comerciantes*  
3 507 — D. Virgínia da Conceição Santos Fernandes — *Doméstica*  
3 508 — Amadeu Augusto Domingues Calejo — *Engenheiro Agrónomo*  
3 509 — António Maria de Sousa Marques — *Desenhador da Junta  
Central de Portos*  
3 510 — Dr. José Aires da Veiga Mira Mendes — *Médico*  
3 511 — Vasco Gonçalo Braga dos Reis — *Pintor e Desenhador de  
Arte*  
3 512 — Narciso Alfredo de Moraes — *Pintor de Arte*  
3 513 — Arménio da Cunha Mendonça — *Tesoureiro-Chefe da Caixa  
Geral de Depósitos, Crédito e Previdência*  
3 514 — Ilídio dos Santos — *Empregado no comércio*  
3 515 — Prof. Doutor Artur Torres Pereira — *Médico*  
3 516 — José Leitão de Figueiredo — *Empregado de escritório.*



# Feira da Ladra



*Nesta nova associação, além de todas as vantagens estabelecidas por outras associações de socorros mútuos, encontrará o associado os meios de instrução que se puderem proporcionar, sendo instalado mais tarde um gabinete de leitura onde os associados encontrem os livros e jornais mais úteis.*

## 24. Associação de Socorros Mútuos e Instrução Aliança Operária

No seu número de 17 de Outubro de 1880, o então semanário *A Voz do Operário* — jornal fundado pelos operários manipuladores de tabaco e que é órgão de Imprensa da benemérita Sociedade de Instrução e Beneficência *A Voz do Operário* — publicou o seguinte manifesto dirigido «Aos operários de Belém»:

*Os abaixo assinados, convencidos da necessidade de organizar uma associação onde, a par dos socorros médicos, pecuniários, etc., se achem os meios de instrução tão necessários à classe operária que, outros países onde melhor têm compreendido a utilidade das associações de classe, como na Bélgica e na Alemanha, dispõe de gabinetes de leitura, aulas de Desenho, etc., vêm hoje apresentar aos operários das três freguesias de Ajuda, Belém e Alcântara as bases para uma associação composta unicamente de indivíduos que pertençam à classe operária.*

Os homens que assinavam este manifesto — José dos Santos, António Joaquim Galeiras, João José Amorim, Alfredo do Rego e João António Pais — haviam fundado, em 10 de Julho daquele ano, a Associação Aliança Operária, com quotas de 70 e 50 réis semanais para os sexos masculino e feminino, respectivamente.

A sua primeira sede foi no 1.º andar do n.º 40 da Rua dos Quartéis e mais tarde instalou-se em edifício próprio na Travessa do Forno do Giestal (hoje Travessa do Giestal), tornejando para a Rua de Sant'Ana, a que mais tarde e em justa homenagem à meritória obra da Associação, a Câmara Municipal de Lisboa deu o nome de Rua da Aliança Operária.

Posteriormente, tomou a colectividade a designação de Associação de Socorros Mútuos e Instrução Aliança Operária, e nas suas boas instalações, centenas de associados, por modesta quotização semanal, auferem benefícios que vão desde a assistência médica e medicamentosa, e de enfermagem para ambos os sexos, até à utilização do balneário e subsídio para auxílio do custo do funeral.

A acção cultural exerce-se por meio de uma esplêndida biblioteca com cerca de 1700 volumes, sem esquecermos o contributo dado pela colectividade no combate ao analfabetismo. ,

Falando destas instituições, Rodrigues Sampaio, notável jornalista e homem de Estado, escreveu:

«São merecedoras de todo o auxílio as associações operárias. Criadas à sombra da liberdade, têm-se mostrado dignas dela.»

## 25. *Sport Lisboa Oriental*

Os pequenos grupos dispersos pelos bairros, com características desportivas, recreativas ou culturais, mas a que nunca falta a feição beneficente, são o reflexo do espírito associativo do laborioso lisboeta.

Enquadra-se neste propósito o Sport Lisboa Oriental, fundado em 20 de Maio de 1939 por Cipriano dos Santos, António Augusto e Augusto Pontes Castro e cuja modesta sede é na Rua Particular, à Rua Frei Manuel do Cenáculo.

Além da parte desportiva, com prática do futebol, do hóquei em patins, etc., e da acção cultural em que avultam diversas festas com actuação de amadores dramáticos e uma biblioteca com leitura pública e domiciliária, deve salientar-se a acção beneficente concretizada nas dezenas de crianças pobres que anualmente vestem.

Esta última faceta — a da beneficência — é o melhor estímulo que têm para enfrentarem com optimismo as dificuldades resultantes de uma situação económica raramente na razão directa do esforço dispendido a bem do próximo.

## 26. *Academia de Santo Amaro*

Entre os bairros populares da nossa Cidade, o de Alcântara tem uma história rica de acontecimentos e valorizada pelas individualidades que ali nasceram ou moraram.

Dos acontecimentos, recordamos que em 20 de Julho de 1872 se inaugurou uma Praça de Touros, onde hoje é a estação da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, e onde é a estação de Alcântara-Terra foi o Teatro D. Augusto, inaugurando-se 23 anos depois o Teatro Apolo, na Rua do Alvito.

Quanto às individualidades, limitamo-nos a recordar que viveram em Alcântara D. Francisco Manuel de Melo e Nicolau Tolentino, tendo nascido no palácio dos Condes da Ribeira, no sítio da Junqueira, em 27 de Dezembro de 1852, o grande dramaturgo de *A Triste Viuvez* e de *Os Velhos*, que foi D. João da Câmara, todo bondade, modéstia e talento, que levou Schwalbach a defini-lo como «um santo a peregrinar pela terra», e de quem, em 1901, o grande caricaturista Leal da Câmara publicou uma espirituosa caricatura nas páginas da *Revista Nova* sob o título «Os Diógenes da Mouraria» e legendando-a de «À procura da Rosa...».

Foi nessa Alcântara que, na manhã de 10 de Março de 1946, na sede da Sociedade Filarmónica Esperança e Harmonia, no n.º 45 da Travessa do Conde da Ribeira, se efectuou a cerimónia da assinatura para a fusão de três colectividades alcantarenses — a já citada, fundada em 1 de Janeiro de 1865; o Grupo Dramático e Musical Apolo, fundado em 1 de Julho de 1915 e a Sociedade Filarmónica Alunos da Harmonia, fundada em 17 de Fevereiro de 1868 de que resultou a Academia de Santo Amaro, podendo dizer-se que a sua história

começa não na data da fusão, mas sim em 1 de Janeiro de 1865.

As três colectividades, a braços com situações pouco prósperas, deram origem a uma colectividade que mantendo e desenvolvendo as actividades das antecessoras, soube galvanizar a sua massa associativa e, pouco tempo volvido, o sonho da sede própria era uma realidade.

Consagrando esse esforço, a Câmara Municipal de Lisboa deu à artéria, onde se encontra o belo edifício da sede, a designação de Rua da Academia de Santo Amaro.

A obra cultural é vasta. Escola, biblioteca, teatro amador e grupo cénico infantil atestam o valor das iniciativas de um grupo de dedicados dirigentes que a massa associativa compreende e acarinha no sentido de valiosa cooperação.

*Zacarias da Silva*

## Referências da Imprensa

Além do relato obsequioso das nossas actividades feita pela Imprensa diária, *Ecos da Forja*, no seu número de Maio, deste ano, refere a propósito de «O Dia da Mãe» o seguinte:

«Tendo dado a nossa adesão em 1963 à sugestão da Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Mello Breyner Gonzaga Ribeiro e publicada no Boletim OLISIPO do Grupo «Amigos de Lisboa» para a iluminação das janelas no dia 8 de Dezembro — DIA DA MÃE — em 1964 resolvemos dar-lhe mais relevo e assim no dia 7 de Dezembro, às 20,45 horas, por gentil amabilidade da Estação Emissora Católica Rádio-Renascença a

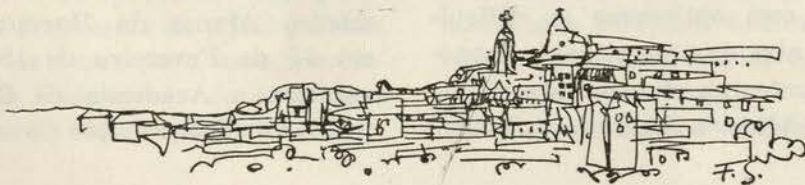
Sr.<sup>a</sup> D. Maria Carlota d'Aguiar Rebello de Andrade, digníssima esposa do nosso Presidente da Direcção, leu uma enternecedora alocução, trabalho de requintado gosto e sentido objectivo.»

Seguidamente, refere o mesmo jornal ter sido feita uma distribuição de prémios em 20 de Dezembro às mães com maior número de filhos, esposas de funcionários da Fábrica Portugal.

Foi uma linda festa de elevado sentido social.

## Referências Olisiponenses na Imprensa de há cem anos

O número de 5 de Julho deste ano, do *Jornal do Comércio*, inseriu uma referência ao folhetim do seu número da mesma data, mas de 1865, dando notícias sobre os hospitais existentes em Lisboa, antes da fundação do Hospital de Todos-os-Santos, em 15 de Maio de 1492. São de ler as considerações então publicadas, que são extensas, e por isso se não reproduzem. Na biblioteca do referido jornal, pode ser visto o número em questão, de cujo folhetim mandámos tirar cópia que está na nossa sede à disposição dos curiosos que o queiram ler. O articulista começa por falar do Hospital de Teresa Annes em 1325 e segue a resenha até 1381. Ao *Jornal do Comércio*, veneranda relíquia da nossa Imprensa, cumprimos e manifestamos o interesse pelas notícias olisiponenses de tão longa data cultivadas nas suas colunas.



# LIVROS

## EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>VÁRIA</b>		
* Evocação do Café Martinho... ..	esgotado	
* Noite de evocação do Leão de Ouro... ..	13\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa ... ..	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins... ..	esgotado	
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares ... ..	esgotado	
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão ... ..	>	
* A cor de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
<b>ENG. A. VIEIRA DA SILVA</b>		
* O Castelo de S. Jorge... ..	esgotado	
* A Ponte de Alcântara ... ..	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa... ..	esgotado	
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa... ..	13\$50	15\$00
<b>DR. ALFREDO DA CUNHA</b>		
* Olisipo berço do periodismo português... ..	13\$50	15\$00
<b>ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO</b>		
Algumas Acheegas para a História da Defesa de Lisboa... ..	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos ... ..	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide ... ..	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio... ..	18\$00	20\$00
<b>DR.ª D. ANNA-MARIA PEREIRA DA GAMA</b>		
Velhos Tempos... ..	13\$50	15\$00
<b>ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA</b>		
* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão... ..	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara ... ..	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha... ..	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário ... ..	9\$00	10\$00
<b>DOUTOR EDUARDO NEVES</b>		
* Ruínas do Carmo ... ..	esgotado	
* Igreja da Penha de França... ..	>	
* Faculdade de Medicina ... ..	>	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	>	
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 ... ..	15\$00	20\$00

\* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>F. A. GARCEZ TEIXEIRA</b>		
* A Irmandade de S. Lucas ... ..	13\$50	15\$00
<b>FRANCISCO LEITE DE FARIA</b>		
Lisboa e S. Lourenço de Brindes ... ..	13\$50	15\$00
Alvoroço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio... ..	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou... ..	13\$50	15\$00
<b>FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS</b>		
O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria ... ..	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa ... ..	18\$00	20\$00
<b>DR. GILBERTO MONTEIRO</b>		
D. Gilberto ... ..	13\$50	15\$00
Luís da Cunha Monteiro ... ..	13\$50	15\$00
<b>GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA</b>		
* Lisboa (Comédia) ... ..	18\$00	20\$00
<b>HUGO RAPOSO</b>		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo...	9\$00	10\$00
<b>JOÃO MONTEIRO</b>		
* Estrada de Sacavém ... ..	27\$00	30\$00
<b>JOAQUIM ROQUE DA FONSECA</b>		
A Urbanização de Lisboa... ..	13\$50	15\$00
<b>ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS</b>		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960... ..	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962 ... ..	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963 ... ..	18\$00	20\$00
Evocação dos Escritores Lisboetas Cardoso Gonçalves e Cruz Guimarães, nos Centenários dos seus Nascimentos (com 17 ilustrações) ... ..	18\$00	20\$00
<b>DR. J. T. MONTALVÃO MACHADO</b>		
Andanças do ensino médico na Capital (Do Hospital Real de Todos-os-Santos ao Hospital de Santa Maria). De colabo- ração com o Prof. Dr. Costa Sacadura... ..	12\$00	15\$00
Dom Afonso, Primeiro Duque de Bragança — Sua Vida e sua Obra ... ..	120\$00	135\$00
<b>DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO</b>		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausolésus ... ..		esgotado
* Edição do Grupo.		



	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>LUÍS MOITA</b>		
* A Ermida de Santo Amaro... .. .	esgotado	
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses... .. .	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ... .. .	12\$50	12\$50
<b>LUIZ PASTOR DE MACEDO</b>		
* Ascendentes de Camilo ... .. .	13\$50	15\$00
<b>LUÍS TEIXEIRA</b>		
* O «Diário de Notícias» e o Século XIX ... .. .	4\$00	5\$00
<b>DR. MANUEL VICENTE MOREIRA</b>		
O Problema da Habitação ... .. .	27\$00	30\$00
<b>MÁRIO COSTA</b>		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ... .. .	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ... .. .	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada ... .. .	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro ... .. .	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espí- rito Santo da Pedreira ... .. .	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda ... .. .	36\$00	40\$00
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V... .. .	18\$00	20\$00
<b>MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO</b>		
* A Igreja da Conceição Velha ... .. .	esgotado	
* A Igreja e o Convento da Graça ... .. .	13\$50	15\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa... .. .	18\$00	20\$00
<b>NORBERTO DE ARAÚJO</b>		
* Pequena Monografia de S. Vicente... .. .	9\$00	10\$00
<b>NUNO CATHARINO CARDOSO</b>		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas ... .. .	9\$00	10\$00
<b>DR. PAULO CARATÃO SOROMENHO</b>		
Apresentação do Primeiro Volume dos «Contos Populares e Len- das», coligidos por Leite de Vasconcelos ... .. .	11\$50	12\$50
Uma Casa de Alfama... .. .	13\$50	15\$00
Em Alfama. Impressões breves... .. .	fora do mercado	
Introdução dos «Contos Populares e Lendas», coligidos por J. Leite de Vasconcelos ... .. .	13\$50	15\$00
Nótulas à «Influência Árábica no Vocabulário Português», de José Pedro Machado ... .. .	11\$50	12\$50
O Padre António Vieira e a Sua Época ... .. .	11\$50	12\$50
Papéis de António Tomás Pires... .. .	18\$00	20\$00

\* Edição do Grupo.

		PREÇOS	
		Sócios	Público
<b>PROF. PEDRO JORGE PINTO</b>			
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte) ... ..	135\$00	150\$00	
<b>RUY DE ANDRADE</b>			
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina... ..	9\$00	10\$00	
<b>DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ</b>			
Subsídios para a Heráldica Tumular Moderna Olisiponense ...	45\$00	50\$00	
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro ... ..	18\$00	20\$00	
<b>TINOP</b>			
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. ... .. cada	13\$50	15\$00	
* Edição do Grupo.			



# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e  
Administrador-Delegado

*Com. Ernesto de Vilhena*

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

*Le Baron Pierre Bonvoisin*

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

*Eng. João Augusto Bexiga*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

*Dr. Silvio Guimarães*

TRADIÇÃO  
E  
PROGRESSO



# BANCO BORGES & IRMÃO



PORTO - Rua de Sá da Bandeira, 12  
LISBOA - Largo de S. Julião, 6  
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS